

VII - FORMAÇÃO EDUCOMUNICATIVA DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO E DO MUNDO CORPORATIVO

Mediador: Prof. Ms. Paulo Régis Salgado, FAPCOM

O PIBID E A EDUCOMUNICAÇÃO: CONSTRUÇÃO DE NOVOS SUJEITOS.

Stella de Mello Silva.



Mestre em Divulgação Cultural e Científica pela UNICAMP/Labjor/IEL. Especialista em Docência Universitária: Métodos e Técnicas - UNASP-EC. Licenciada em Letras Português/Espanhol - UNISA. Professora no curso de Pedagogia do UNASP-EC. Bolsista CAPES no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) como coordenadora de área. Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais da Educomunicação.

Apresentação

O tema proposto nesta pesquisa vincula-se aos conceitos da Educomunicação¹²⁸ e ao projeto PIBID¹²⁹, justificando-se tanto a partir das vivências que tenho experimentado em quinze anos de docência - na Educação Básica e Superior – quanto das inferências advindas das pesquisas que realizei no mestrado, cuja discussão central apoia-se nos diálogos entre educação e comunicação.

Em agosto de 2012 iniciei, como coordenadora de área, o projeto PIBID com vinte alunos de Pedagogia – de 2º e 3º anos desta licenciatura – numa escola municipal em Engenheiro Coelho-SP. Na primeira reunião com a direção desta escola, a proposta da gestora foi, de início, que os bolsistas “colaborassem” com a melhoria dos resultados da *Provinha Brasil* em duas turmas específicas: os 3ºs anos vespertinos. Porém, após primeiro contato entre pibidianos e alunos do E.F. em questão, foram identificadas algumas peculiaridades no processo: a) dificuldade em aplicar os conceitos acadêmicos da Pedagogia na dinâmica da prática pedagógica; b) distanciamento entre a proposta da *Provinha Brasil* e o conhecimento que as

¹²⁸ Conceito sedimentado no Brasil pelo prof. dr. Ismar de Oliveira Soares, coordenador do núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP.

¹²⁹ Iniciativa do MEC para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a Educação Básica.

crianças tinham, efetivamente; c) necessidade de autoconhecimento e valorização da autoestima, tanto de professores-alunos quanto de alunos; d) controle da disciplina das turmas; e) importância do olhar diagnóstico e de seus desdobramentos para uma proposta de intervenção de sucesso.

A partir destes e de outros dados, os pibidianos foram levados a refletir sobre as propostas da Educomunicação e de *se/como* esta abordagem poderia ser uma facilitadora no processo ensino-aprendizagem sob um olhar dialógico entre eles – bolsistas – e seus alunos.

A percepção dos pré-dados desta experiência (feedback da reunião com os pais dos alunos do 3º ano do E.F. ao ser apresentada a proposta do PIBID; trocas semanais com a gestão escolar e professores-supervisores; reuniões de planejamento e estudos com alunos-bolsistas; encontros semanais com as quarenta e cinco crianças participantes; a apropriação de uma cultura midiática por alunos-bolsistas e pelas crianças) foi o que me levou à condução desta pesquisa, a qual preocupou-se também com o ato de educar e suas implicações no trabalho e na profissionalização docente, em contextos da educação formal, na perspectiva de educação para todos.

Considerando a relevância da compreensão do papel do professor numa sociedade midiaticizada e assumindo o projeto PIBID e suas variáveis como objeto de estudo, procurei responder à seguinte pergunta:

- Quais as implicações da Educomunicação quando implantada como um dos subsídios teóricos em subprojeto do PIBID – em específico na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental “José Forner”, no município de Engenheiro Coelho?

A resposta a esta questão exigiu um olhar multifacetado da pesquisa em questão, vista a pluralidade de atores sociais nela envolvidos: alunos pibidianos da IES; alunos da escola “José Forner”; professores efetivos da escola “José Forner”; gestão escolar da “José Forner”; comunidade em que está inserida a escola “José Forner”. E é na riqueza proveniente destes diálogos que se encontrou o objetivo do trabalho ao pretender avaliar os conceitos e práticas da Educomunicação como um suporte para a formação dos futuros docentes.

Esta reflexão pareceu-me relevante já que, como constatou Pimenta (2009), o investimento na formação de professores – em principal na sociedade contemporânea – é algo cada vez mais vinculado ao papel mediador do docente nos processos constitutivos da cidadania dos alunos. E que sociedade deseja cidadãos acrílicos?

3. Justificativa e fundamentação teórica

O primeiro desafio a ser vencido com esta pesquisa foi fazer com que o aluno pibidiano se apropriasse da ideologia da Educomunicação que, a priori, foi usada pelo argentino Mario Kaplún, mas que, aqui, é conceituada por Ismar Soares¹³⁰ da seguinte forma:

A Educomunicação define-se como um conjunto das ações destinadas a: 1) integrar às práticas educativas o estudo sistemático dos sistemas de comunicação; 2) criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos; 3) melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas.

Percebe-se, portanto, que a Educomunicação está alinhada com os PCNs no que diz respeito à construção de um aluno que não seja refletor do pensamento de outrem, que identifique a pertinência de criar e rever as relações de comunicação em sua escola, entre seus colegas e superiores, valorizando o ambiente democrático e aberto por meio do bom uso da comunicação e da linguagem. Também parece relevante a importância dos recursos de expressão configurados nas ferramentas tecnológicas disponíveis na contemporaneidade: celulares, filmadoras, máquinas fotográficas, computadores e toda a questão facilitadora que estes materiais trazem ao processo de comunicação e aprendizagem.

Em outro fragmento do texto citado anteriormente, Soares ainda aponta que sejam observados alguns procedimentos sem os quais a Educomunicação ficaria irreconhecível. São eles:

a) [...] prever e planejar conjuntos de ações, no contexto do plano pedagógico das escolas, e não ações isoladas; b) Todo planejamento deve ser participativo envolvendo todas as pessoas envolvidas como agentes ou beneficiárias das ações; c) As relações de comunicação devem ser sempre francas e abertas; d) O objetivo principal é o crescimento da autoestima e da capacidade de expressão das pessoas, como indivíduos e como grupo.

¹³⁰ <http://www.usp.br/nce/aeducunicacao/saibamais/textos/> (acesso em 14/08/2012)

Corroborando com os PCNs a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – de 1996 – quando valoriza a comunicação como parte do processo educativo ou de aprendizagem e, como bem coloca Soares (2011), “não se trata da confusão que muitos têm feito entre comunicação e informática, pois, enquanto esta contribui com importantes soluções tecnológicas para o campo educativo, a comunicação está no centro da construção do conhecimento”.

Curiosamente, a despeito da relevância do diálogo entre Educação e Comunicação, notou-se, em pesquisa¹³¹ com 79 professores do Ensino Fundamental e Médio, pertencentes à rede pública de São Paulo, que apenas 22 deles cursaram – na Licenciatura – alguma disciplina que os capacitasse ao trabalho com a comunicação em sala de aula. E é a partir de dados como este que Citelli (2011) afirma que

(...) a convivência e/ou familiaridade maior com o computador, a internet, os aparelhos de televisão digital não se integra, necessariamente, nos projetos inseridos nas instituições destinadas à formação de professores, tampouco nas práticas por estes levados a termo nas salas de aula do Ensino Básico. O saldo final do desajuste tem representado importante fonte geradora – conquanto não sendo, evidentemente, a única – de problemas que alcançam, hoje, uma parte da educação formal no Brasil. (CITELLI, 2011, p.73)

Assim sendo, conceitos educomunicativos foram, nesta pesquisa-ação, apresentados aos alunos bolsistas PIBIDIANOS por meio de duas horas de estudos semanais sobre a fundamentação teórica da Educomunicação – no caso, propondo-se estudos dos trabalhos de Mario Kaplún, Guillermo Orlitzky-Gómez, Adílson Odair Citelli e Ismar de Oliveira Soares, dentre outros; tal debruçamento teórico-metodológico foi sempre dialógico com todo o material representativo sobre Formação de Professores, dentre os quais se destacam Selma Garrido Pimenta e Marilda Silva. Nestes momentos de troca, objetivou-se a compreensão do processo educomunicativo no contexto do domínio da linguagem de crianças de 3º ano do Ensino Fundamental, elaborando-se um Plano de Ação semanal como proposta de intervenção.

¹³¹ CITELLI, Adílson. Linguagens da comunicação e desafios educacionais: formação de jovens professores e circunstâncias midiáticas (1996-2005). Relatório de pesquisa, CNPq, 2009. Posse do autor.

O segundo desafio a ser transposto neste trabalho foi o da conscientização dos alunos bolsistas sobre a relevância do projeto PIBID, já que este propaga os seguintes objetivos¹³², dentre outros:

- Elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação básica;
- inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem;
- contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura.

A despeito de parecer óbvio que os alunos da IES participante se reconheçam como pertencentes a este perfil de bolsista (professor-pesquisador), muitos deles veem no projeto um momento de estágio remunerado, tão somente. E, ao que parece, a proposta do MEC para o PIBID é pontualmente diferente do estágio convencional porque se preocupa em inserir no cotidiano da escola o aluno iniciante e não o concluinte – exatamente como aponta Pimenta (2009):

[...] pesquisas têm demonstrado que os cursos de formação, ao desenvolverem um currículo formal com conteúdos e atividades de estágios distanciados da realidade das escolas, numa perspectiva burocrática e cartorial que não dá conta de captar as contradições presentes na prática social de educar, pouco têm contribuído para gerar uma nova identidade do profissional docente. (PIMENTA, 2009, p. 16)

Nota-se, assim, a partir do olhar *comunicacional* e *educacional*, uma tensão relacionada ao saber. Tanto a escola quanto a comunicação deveriam formar o bom aluno, o bom leitor, o bom cidadão, o bom professor iniciante. Entretanto, a despeito da intencionalidade positiva de ambos, ainda permanece a questão: por que isso ocorre se são impulsionadas pelo mesmo motivo e se desejam o mesmo resultado: o conhecimento? A resposta pode estar na argumentação de Michel Foucault (1989) quando diz que:

¹³² <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid> (acesso em 02/10/2012)

Temos que admitir que o poder produz saber (e não simplesmente favorecendo-o porque o serve ou aplicando-o porque é útil); que poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder (FOUCAULT, 1989, p.30)

Talvez ambas as instituições – escolas e mídias – estejam competindo pelo domínio do poder-saber em lugar de compartilharem o conhecimento para a necessária reflexão dos múltiplos conteúdos que dioturnamente são disponibilizados por uma e por outra. Quem sabe necessitem, neste século de transições - de uma revisão de metodologias e caminhos se quiserem realmente manter os objetivos já instituídos socialmente: informar e formar cidadãos críticos e analíticos, engajados em prol da melhoria de si, da micro e da macro sociedade em que vivem. Caso contrário, é possível que continuem construindo indivíduos que não consigam elaborar frustrações e que estudem e trabalhem para exercer o mais nocivo conceito de poder, de autoritarismo e não de autoridade.

Examinar, portanto, como se dá a intersecção entre o saber e o poder na sala de aula no processo de construção do conhecimento dialógico, reconhecendo o papel da comunicação enquanto cultura do cotidiano, foi um dos desafios deste trabalho. Entretanto, mais do que compreender a importância da mídia em ambiente acadêmico - objeto de pesquisa de vários estudiosos da área - pretendi verificar como ela é incorporada ao fazer docente do aluno pibidiano, valorizando esta política pública como um caminho para a desconstrução/construção de saberes para esta sociedade pós-moderna. Observou-se, inclusive, de que forma alunos e professores pibidianos são estimulados a formular novas perguntas a partir do uso do recurso da Educomunicação como meio de elaboração e compartilhamento de conhecimento.

Reflexões gerais

Observou-se pragmaticamente, nesta pesquisa, o que se lê teoricamente: novas perspectivas sobre a competência de ensinar numa era altamente peculiar – a pós-modernidade. Se a carreira da docência parece ser, atualmente, tão desinteressante a tantos, foi possível apresentar caminhos metodológicos coerentes e envolventes àqueles que “se arriscam”, motivando a busca por resultados cognitivos palpáveis naqueles com os quais estabelecem trocas recorrentes em todos os âmbitos.

Se o professor será, daqui por diante, um profissional cada vez mais exigido pelo mercado e se a escola em que ele trabalha tem sido um ambiente de aprendizagens múltiplas – cognitivas, emocionais, relacionais – há que se formar parcerias no processo ensino-aprendizagem para que a educação adeque-se à nova demanda. Lê-se aqui, como uma dinâmica ferramenta de interação com a educação, a comunicação; principalmente sob a ótica da relevância desta em todas as frentes sociais contemporâneas: artes, política, saúde, economia, filosofia, linguagem. Em séculos passados – e não tão distantes do nosso – a escola parecia ser a caixa de Pandora, o caminho para a descoberta das informações, a porta que se abria do desconhecido para o novo. Entretanto, como afirmam Braga e Calazans (2001)

Com a sociedade mediatizada, os espaços de permeação (interação social mediatizada ampla) parecem, ao contrário, mais amplos que a escola, mais vívidos, mais ágeis, sedutores, renovados, diversificados. É evidente que tudo isso não significa que sejam melhores – apenas que são mais atraentes e estimulantes. A Escola encontra então, neste aspecto, dificuldades para se colocar como espaço de maior relevância para a vida futura do aluno. (BRAGA & CALAZANS, 2001,p.61)

Assim sendo, intentou-se pesquisa, portanto: a) contribuir com a capacitação do professor em sua formação inicial, no sentido de motivar este profissional a agir multifacetada e ousadamente na elaboração de seus planos de ação pedagógica, valorizando tanto as expectativas de um aluno midiático quanto os valores que ele, professor, deseja que seu aluno viva fora dos muros da escola; b) incentivar a sedimentação do conceito “professor-pesquisador”, inquiridor, arguidor, agente de mudança acadêmico-social em atividades programadas e executadas em parceria com as diferentes mídias, produzindo um olhar mais crítico sobre o papel da “escola comunicante”.

Referências:

- CITELLI, Adílson. **Linguagens da comunicação e desafios educacionais: o problema da formação dos jovens professores**. Comunicação e Educação, São Paulo: CCA/ECA/USP/Paulinas, ano XV, n.1, jan./abr. 2010.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: O conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- _____. **Comunicação/Educação: a experiência de um novo campo e perfil de seus professores**. Contato, Brasília: Senado Federal, n.2, 1999.
- SOUZA, João Valdir Alves de (org). **Formação de professores para a educação básica: dez anos da LDB**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.